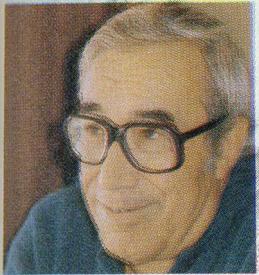


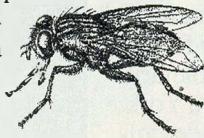
A compasso e a tambor



José Cardoso Pires

●●● Ignorantes ou esquecidos em mais ou menos da sua juventude, alguns indivíduos de palavras vieram dialogar há dias na televisão acerca da Mocidade Portuguesa da Escola do Doutor Salazar.

Aproveitando a desmemória histórica em curso, um deles, militar profissional, louvou-a a ban-



a coreografia castrense de Mussolini tinha recuperado das milícias romanas. Nada. E por aí fora, por aí fora, o desinibido entrevistador acabou por se afirmar deseioso de um retorno aos gloriosos modelos da velha juventude da época em que a Escola pretendia ser uma saudável antecâmara dos Quartéis e onde os figurinos castrenses antecipavam uma sociedade civil de Fé, Pátria e Império.

A verdade é que lusitos, vanguardistas e milicianos, a tropa escolar daquele tempo, desfilavam a passo certo e de braço estendido, e isso sempre comove as almas bem formadas. O espírito pioneiro amoleceu depois, é certo, as botas foram perdendo o brilho, as continências passaram a relaxar-se, tudo isso. Mas nos anos 30 da ascensão nazifascista os estudantes cumprimentavam em silêncio os professores, apenas de braço estendido à maneira romana, como se tivessem perdido a voz, e eu lembro-me de, nesse tempo, ter visto os alunos do Liceu Camões em formatura a saudarem um oficial alemão em uniforme de **gaulleiter**.

Sabe-se: a amnésia política é uma das armas da desinformação. Serve-se da distância histórica e manobra impunemente a tolerância democrática; acena com o espantoso do revanchismo para recuperar a mentira do passado. Exacto, é assim que os velhinhos perversos descrevem a Mocidade Portuguesa, que estudava a toque de tambor e de boca calada. Nessa altura, sim, a Escola era risonha e franca. Dizem eles. ■

deiras desfraldadas e procurou desenhar uma imagem ternurenta dessa organização fascista. Que, aliás, nada tinha de fascista, segundo ele. A seu parecer, a própria saudação oficial da instituição não se assemelhava em coisíssima nenhuma com aquela, exactamente igual, que



A tropa escolar desfilava a passo certo e de braço estendido

A Pulga

Todos os países têm Produto Interno Bruto, mas o nosso é bruto de mais

José Sesinando



Destques

- 4 **Do Arco da Velha**
Duas histórias inacreditáveis
- 5 **R(u)icochete**
O cartoon de Rui Pimentel
- 7 **Seduções**
António Tavares-Teles, num bar, ao fim da tarde
- 17 **Escrever na Água**
A crónica de Augusto Abelaira
- 18 **Retratos Falados**
Tarzan Taborda, o lutador, confessa-se, à conversa com Fernando Assis Pacheco
- 22 **O Perfil de Graça Morais**
Isabel Risques descobre a pessoa para além da pintora
- 24 **Dia de S. Valentim**
Como se namora, hoje, em Portugal
- 34 **Espécies em vias de extinção**
Um problema à escala planetária, abordado numa reportagem de José A. Salvador
- 40 **Secções**
À Mesa, Garrafeira, Pitéus de S. Bento e Em Forma
- 42 **Tempos Livres**
Jogos do PC, Bocas, Palavras Cruzadas e Xadrez
- 44 **Divã, o Terrível**
Um consultório onde vale tudo
- 45 **Superestrelas**
O seu horóscopo semanal
- 46 **Miradouro**
A inflação, Braga de Macedo e os «espadaúdos», numa crónica de Fernando Antunes

Este suplemento faz parte integrante da edição nº 886 de «O Jornal», de 14 a 20 de Fevereiro de 1992 não podendo ser vendido separadamente. Montagem na Intergráfica, Publicidade e Artes Gráficas, Limitada, selecções de cor na Reproscan e impressão na Lisgráfica.